



Corpos Fragmentados da América Latina: O Caso de *Mano de obra*, de Diamela Eltit, e *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo

Fragmented Bodies of Latin America: The Case of *Mano de obra* by Diamela Eltit and *Passageiro do fim do dia* by Rubens Figueiredo

WESLEY COSTA DE MORAES

State University of New York at Geneseo, Estados Unidos

wes11wes@gmail.com

| Abstract: This article analyzes the novels *Passageiro do fim do dia* (2010), by Brazilian writer Rubens Figueiredo, and *Mano de obra* (2002), by Chilean writer Diamela Eltit in their use of textual strategies that relinquish the objective portrayal of gruesome violence as a marker of the inequalities that characterize the social contexts of these narratives. Through the fragmentation of the social, psychological, and physical dimensions of the characters, Figueiredo and Eltit expose forms of oppression framed in a mode of accumulation of capital and exploitation of labor. Using dialectical structures of inclusion and exclusion, the emphasis on the physicality of the body emerges as a palpable reference of social inferiorization and segregation of the characters.

Keywords: Rubens Figueiredo; Diamela Eltit; Body; Exploitation; Citizenship.

| Resumo: Este artigo analisa as novelas *Passageiro do fim do dia* (2010), do brasileiro Rubens Figueiredo, e *Mano de obra* (2002), da chilena Diamela Eltit em seu uso de estratégias textuais que abdicam da representação da violência concreta como retrato das desigualdades sociais que servem de contexto a tais narrativas. Mediante a fragmentação das dimensões social, psicológica e física dos personagens, e em especial desta última, Figueiredo e Eltit dão visibilidade a formas de opressão enquadradas em um regime de acumulação de capital e de exploração do trabalho assalariado. Desde dialéticas de inclusão e exclusão, a ênfase na

corporalidade desponta como referente somático que remete à inferiorização e à segregação social dos personagens.

Palavras-chave: Rubens Figueiredo; Diamela Eltit; Corpo; Exploração; Cidadania.

I. INTRODUÇÃO: O CORPO COMO OBJETO FUNDAMENTAL DE ESCRITA E LEITURA

Expressão magnificada das calamidades humanas, o retrato explícito da violência como leitmotiv da literatura urbana é um formato já superado, dada a exaustão deste tipo de registro. Neste sentido, Jean Franco observa que os autores latino-americanos têm encontrado novas fórmulas para escrever desde ou sobre os desalentadores panoramas das cidades, evitando esquemas já saturados, porém, sem atenuar o fato de que “the stigmatized bodies of those marked for death in the drug wars and in urban violence reveal the other side of the globalization narrative” (2002: 16). Nestes entroncamentos entre realidade e ficção, renovam-se os meios de refletir sobre os excessos e carências da vida coletiva, em especial desde a perspectiva de uma maioria sobre a qual pesam diretrizes econômicas que reforçaram as desigualdades fundacionais destas sociedades.

Como consequência, vários autores não recorrem mais a um instante de grande envergadura diegética, a um crime articulador, ou à descrição perturbadora de cadáveres estirados, enfim, a fórmulas narrativas comuns nas décadas finais do século passado (Volpi 2009: 170). O foco nos ardis de um criminoso, ou em quantos ou como os corpos caem, é substituído pelo retrato de personagens que morbidamente pendem em um sistema de opressão. As tramas se espiralam conforme os indivíduos tomam consciência de sua condição, e do proveito alheio que se obtém de seus corpos. Assim, não se almeja mais reproduzir, com fidelidade textual, o impacto de uma cena apta a figurar nas primeiras páginas de um jornal policial, mas sim registrar, como num diário de sobrevivência, o lento processo de degeneração que se manifesta de distintas maneiras nos corpos dos protagonistas. A primazia do corpo como espaço de construção e desconstrução do social, escrito e lido como evidência biológica de interesses irreconciliáveis, funciona como metáfora orgânica destas sociedades disfuncionais (Arendt 1970: 74-76).

Mano de obra (2002), da escritora chilena Diamela Eltit, e *Passageiro do fim do dia* (2010), do romancista carioca Rubens Figueiredo, delatam esta exploração dos personagens e enfatizam como sua constituição física o evidencia. Nos dois textos, os corpos somatizam tal processo através de alterações de sua própria estrutura que, por exemplo, manifesta características abjetas ou sofre mutilações. A preeminência do corpo como tropo demonstra os esforços de preservar uma integridade física que serve como projeção material de uma cidadania também fragilizada. Ambos os autores fazem uso extensivo da debilitação e fragmentação dos corpos nestes textos como estratégia dis-

cursiva que lhes permite, mediante a exposição de formas de desestruturação física e psicológica, visibilizar atos de violência mais sutis perpetrados pela macroestrutura socioeconômica que serve de contexto às narrativas.

II. ENTRE PASSADO E FUTURO, A FORÇA CENTRÍPETA DE UM PRESENTE DE OPRESSÃO

Entre os vários críticos que têm se debruçado sobre as práticas discursivas empregadas pelos escritores latino-americanos contemporâneos, Cristina Rivera Garza e Josefina Ludmer salientam a necessidade de escrutinar as particularidades e denominadores comuns destas narrativas. Para Rivera Garza, o desafio é delinear os diálogos éticos e estéticos que marcam o ato de escrever desde um contexto rodeado do que, sem eufemismos, identifica como *necrópolis urbanas*, ou seja, aglomerados humanos submetidos à precariedade do trabalho e à incapacidade do Estado de zelar pela segurança e bem-estar geral (2013: 18-19). Para Ludmer, é necessário entender as estruturas de sentido e sentimento que, pela via da literatura, radiografam a experiência urbana atual e expõem as mazelas provocadas pelos saltos temporais e solavancos do progresso na região (2010: 28). Ludmer se refere à implementação de políticas de desenvolvimento que, de maneira apressada, foram implantadas para ajustar cada país às diretrizes hegemônicas do capital.

A crítica à dimensão macroeconômica subjaz tanto *Mano de obra* como *Passageiro do fim do dia*. Por um lado, estes textos desvelam os modos atuais de influência do sistema capitalista e, por outro, sugerem um processo de debilitação dos indivíduos como agentes sociais. Em sua tradução somática, a opressão torna-se palpável conforme os corpos dos personagens atestam o funcionamento de tais estruturas num movimento diegético e dialético de exposição e invisibilização. A novela de Eltit o delata desde o título, carregado de um sentido utilitário que nega qualquer âmbito existencial fora das relações instrumentais de trabalho. Por sua vez, Figueiredo insinua no título do romance a condição passiva do indivíduo — quem é conduzido, não quem conduz — rumo a um destino em que se exaure o tempo sem que nenhum projeto pessoal ou comunitário se realize.

Evidente nas duas narrativas, o enraizamento no presente indica esta falência dos planos de um futuro individual ou coletivo, então substituídos pelo desafio imediato da sobrevivência diária. Porque o agora não comporta projetos de amanhã, o tempo passa a ser um referente estéril, circunscrito ao mesmo instante de exploração. Para Ludmer, este aspecto (literário e metaliterário) se explica pela inserção deste tempo presente em uma cronopolítica incauta e ineficiente, com um profundo impacto negativo para grande parte da população dos países da América Latina. O momento atual está sempre em um tempo anterior, o qual não se desprende de sua defasagem em relação a projetos elitistas e referenciais cobiçados de modernidade. Ao tentar superar tal descompasso, produzem-se na região saltos modernizadores que frag-

mentam um sentido de continuidade histórica e, por conseguinte, a própria vida dos indivíduos (2010: 75).

Se o futuro é inalcançável, arrebatado pela força centrípeta do agora, lança-se um olhar ao passado no ensejo de compreender e redefinir este presente estático. Entretanto, este movimento revela-se improdutivo, já que o sistema de exploração “must repeatedly rehistoricize the past in the present in order to guarantee its future, making itself perpetually new” (Silva 2016: 132). Em sua análise de *Passageiro*, Cimara Valim de Melo observa que o passado serve para estabelecer categorias sociais de inclusão e de exclusão através de um esquema de memória e esquecimento que dita a formação da identidade dos personagens (2011). Ana Forcinito também destaca estes esquemas em *Mano de obra*, tomando-os como estratégia narrativa com que Eltit processa a desintegração das identidades coletivas do passado, progressivamente conduzindo à despolitização dos indivíduos no presente (2010). Codificados no nível físico, esta alienação do futuro e do passado convergem a um presente que, longe de não possuir uma história e um porvir, acumulam-se como uma fragmentação multifacetada dos corpos dos personagens, transformados em espaços de denúncia.

O resistir destes corpos revela menos a tenacidade dos personagens que a eficiência dos mecanismos que maximizam o proveito obtido deste material humano encapsulado em um agora infinitamente elástico. Para Pierre Bourdieu, estamos diante de formas de exploração que, desde o seio da modernidade, realizam um regresso a formas radicais de capitalismo de outrora (1998: 35). Neste retrocesso, observa-se também um recuo da categoria de povo — como conceito mitológico ordenador da nação — para a de massa, ou seja, como um conjunto de indivíduos que compartilhem um mesmo espaço de maneira estritamente circunstancial, sujeitos a condições de vida em maior ou menor grau exploratórias e debilitados em sua capacidade de organizar-se como um todo. Diante de um sistema cujo funcionamento torna-se cada vez mais eficiente, a desarticulação de uma visão de conjunto por parte dos indivíduos oprimidos é também uma estratégia de invisibilização, ou seja, de negação prática da cidadania e de suas vias de atuação.¹

Aqui, a ideia de nação é também problematizada. Um conceito de pouco menos de dois séculos, a construção de uma identidade nacional atende à necessidade de dar coesão aos diferentes grupos e interesses sociais reunidos em um mesmo território — uma solução que permitiria a convivência de forças políticas antagônicas sob a bandeira de um Estado moderno (Chauí 2000: 17). No entanto, este conceito é redefinido pela expansão supranacional dos mercados, em que a realidade social concreta passa

¹ O conceito de cidadania utilizado aqui deriva das ideias seminais de Thomas Marshall (1950) e congrega o que o sociólogo inglês define como cidadania civil (o direito à liberdade de expressão e à propriedade, por exemplo), de participação política e, finalmente, a cidadania social (o mais compreensivo, referente à igualdade de direitos). Deste conjunto advém, em tese, a capacidade de participação plena na vida social segundo os padrões prevaletentes em uma dada sociedade. Segundo Marshall, nas sociedades modernas este ideal é comprometido na prática, já que entra em conflito com o *modus operandi* do sistema capitalista.

a restringir-se a duas referências: o indivíduo e o sistema econômico, e a capacidade de ser produtor ou consumidor é o que define a participação social (Hobsbawn 1990: 173). Transposta à cena literária, a redução do social a esta estrutura binária constitui o eixo a partir do qual Eltit e também Figueiredo desenvolvem suas tramas. O enfoque no indivíduo se acentua em ambos os textos, desprovidos de diálogos e concentrados nas experiências e impressões de seus protagonistas. Desta perspectiva sumamente individualizada deriva uma decodificação do social que ressalta as rupturas de qualquer resquício de coletividade a partir de instâncias objetivas e simbólicas de fragmentação.

III. DAS PARTES AO TODO: ARTICULAÇÕES DO ESPAÇO E DESARTICULAÇÕES DA COLETIVIDADE

Em *Passageiro*, Pedro é o protagonista oriundo da classe média que utiliza, somente às sextas-feiras, um ônibus que o leva de uma área mais central de uma grande cidade à região periférica e pobre onde vive sua namorada, Rosane. A metrópole é imaginária e, cindida em classes sociais, plasma um simulacro no qual se encaixaria qualquer urbe latina. Para as viagens Pedro leva consigo um livro no qual se narram as supostas andanças de Charles Darwin pela mesma região transitada pelo ônibus. Mediado por um narrador onisciente, e inspirado pela leitura que realiza somente quando consegue sentar-se, Pedro converte-se em um cientista social de ocasião. Percebe a cidade como um ecossistema hostil no qual seus habitantes tratam de sobreviver apesar das vicissitudes de um meio em que predominam o desamparo e a insegurança. Mimetizando o conteúdo do livro de Darwin, o ambiente parece regido por leis ‘naturais’ ou, como logo se revela, desponta como um mundo “naturalizado” pelas relações do capital. Assim, mediante uma retórica biológica, o autor elabora uma espécie de tratado evolutivo, apocalíptico, da urbe em forma literária. Não existe uma trama propriamente, e Figueiredo entremescla as impressões da viagem e as observações sobre a constituição física dos espaços da cidade e dos corpos de seus moradores. O ônibus em si converte-se em um laboratório que permite ao personagem examinar as interações entre os habitantes da urbe e constatar, mediante paralelismos com os relatos de Darwin, que obedecem a mesma lógica pragmática que define as relações entre presas e predadores. Sugere-se que nada escapa a este permanente conflito de interesses, não havendo evento capaz de subvertê-lo — daí a ênfase descritiva da obra em como estes antagonismos elementares cobram forma na cidade e nos corpos de seus habitantes.

As condições de desigualdade social que resultam em tais relações de predação se manifestam dentro e fora do ônibus. Durante o trajeto à periferia, pela janela Pedro acompanha a crescente degradação do meio conforme moradias precárias e esgoto a céu aberto passam a predominar na paisagem. Ademais, o trânsito se torna cada vez mais lento devido à deficiente infraestrutura da periferia. A mudança de aparência e a desaceleração do veículo rumo ao extremo da cidade corroboram a ideia de distanciamento de um ideal de progresso e do abandono da região e de sua população. De

maneira metonímica, os odores de decomposição que penetram o ônibus marcam, em seu coeficiente orgânico, uma aproximação à animalidade que reitera a periferia como lado menos civilizado da cidade, entregue a instintos primitivos de sobrevivência. Ben Highmore afirma que o deslocamento físico dos habitantes da cidade, como justaposição dos ritmos da modernidade e dos ritmos humanos, serve de metáfora às relações assimétricas que não ao acaso ordenam a própria urbe, em especial os movimentos registrados nas vias de transporte público (2005: 132). O que (e desde onde) Pedro vê, então, desvela a falácia positivista do desenvolvimento da cidade como se esta fosse uma criatura autônoma, dissociada das conjunturas e políticas sociais que primariamente definem o entorno urbano e que, como sugerido anteriormente, invisibilizam seu modo de operação.

É também nos corpos dos demais passageiros que a segregação social toma forma — e deforma. Na fila do ônibus, Pedro observa as pessoas que, diferentemente dele, têm de utilizar aquele meio de transporte público diariamente. Embora ainda estejam em uma área central da cidade, o forte cheiro de urina do local recorda a condição de descarte humano que acompanha os moradores do Tirol, o bairro suburbano de Rosane e destino do ônibus. O protagonista os examina e conclui que pertencem a uma espécie diferente, com sua própria dinâmica evolutiva: “alguns indivíduos resistiram por mais tempo; outros fraquejaram, ficaram para trás [...] Pedro começava a enxergar em todos uma variedade de gente superior” (2010: 9). Traços físicos repulsivos e/ou depreciativos catalogam aqueles indivíduos: falta de dentes, verrugas peludas, espinhas, rugas, cicatrizes, cara murcha, olhos saltados, pés com furos provocados pela exposição ao cimento — marcas que contrastam com a tez branca e o asseio que a narrativa vincula às regiões não periféricas. O abjeto, Julia Kristeva explica, fundamenta distinções de puro e impuro que servem de poderoso argumento de atribuição de identidades (1980: 111), o que, no caso de *Passageiro*, define a alteridade dos indivíduos da periferia como repugnante.

Se, por um lado, tais aspectos abjetos cumprem uma função aglutinadora, constituindo uma classe social, por outro não configuram um organismo solidário. No ônibus, somente Pedro e outro passageiro se oferecem para levar no colo os pertences dos usuários que têm de enfrentar a viagem a pé. Neste sentido, Roland Barthes afirma que a formação de comunidades nem sempre coincide com o empoderamento dos indivíduos através do fortalecimento dos laços sociais, podendo funcionar, ao contrário, para ocultar ou dissolver injustiças históricas (2012: 197). Em *Passageiro*, é vacilante o sentido de comunidade da periferia: sem nenhuma razão concreta, os moradores do bairro do Tirol são inimizados pelos de outro bairro pobre vizinho, a Várzea. Para o protagonista, a rivalidade é infundada, já que todos compartilham a mesma realidade de privação; porém, para aquelas pessoas era o que “lhes dava um peso, enchia seu horizonte quase vazio — nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente” (Figueiredo 2010: 54). Observe-se outra alusão à questão temporal que permeia a narrativa, com a representação de um futuro inviável (o horizonte vazio) e um presente de que o indivíduo percebe-se apropriado.

Como indicador destes sentidos contraditórios de comunidade, é significativa no texto a violência latente entre estas duas áreas da mesma periferia, e a animosidade entre elas exibe um sentido auto-predatório de coletividade. Em um regime de extrema escassez de recursos, e devido a uma consciência difusa de conjunto, as frustrações dos indivíduos identificam um inimigo qualquer que sirva de paliativo à expressão de seu descontentamento. Seriam os moradores da Várzea e do Tirol competidores das limitadas oportunidades do centro, devendo, compreensivelmente, eliminarem-se uns aos outros? O texto expressa assim as ambiguidades das relações que a urbe fomenta, nas quais, como salienta Ludmer, imbricam-se instâncias de inclusão e exclusão simultaneamente, configurando esquemas de estranheza e filiação em um regime de significação que atravessa toda a sociedade (2010: 132). Nestas amálgamas e rupturas da modernidade latino-americana, estampam-se as incongruências do progresso na região, com suas analogias de civilização e barbárie dispendo, de maneira antagônica, a pretensão de ordem do centro à propensão à violência conferida à periferia como signo de atraso social.

As demarcações espaciais em *Passageiro* compõem um mapa social que, mais que representar os deslocamentos humanos, simboliza os fluxos de poder e de sua ausência — uma analogia, desta vez topográfica, dos desequilíbrios de cidadania. O ônibus o exemplifica e, também em relação metonímica com a urbe, é exclusão (a segregação da região remota e dilapidada) e inclusão (a inserção no mercado de trabalho, flagrantemente exploratória, já que Rosane tem de aceitar uma ínfima remuneração e o acúmulo de funções em um escritório de advocacia de uma região central). Para Eltit, o espaço é também um componente crítico que materializa, através de sua geografia urbana e humana, uma cartografia das assimetrias constitutivas da sociedade. A despeito dos diferentes ambientes, os dois textos ancoram-se no confinamento simbólico que marca a viagem de ônibus em *Passageiro* e, no caso de *Mano de obra*, o espaço do trabalho e o ambiente doméstico.

Através de uma narração homodiegética e uma voz testemunhal, *Mano de obra* expõe a realidade de um grupo de pessoas que vivem juntas e trabalham em um mesmo estabelecimento comercial. Este arranjo social é sustentado pela solidariedade no início do texto, a qual então sofre seu desmantelamento. O processo se desencadeia gradualmente, conforme se agravam as condições de trabalho compartilhadas pelos seus membros. Estes chegam ao limiar do esgotamento físico e psicológico provocado por fatores como: salários que mal lhes permitem custear a própria sobrevivência, longas jornadas de trabalho sem direito a gozar férias ou feriados, despotismo, assédio sexual e humilhações por parte de seus chefes. É esclarecedor que, na ausência de um episódio preponderante de violência física, a autora reúna uma profusão de formas de coerção, as quais estabelecem as relações de dominação no ambiente de trabalho (e também dentro da própria casa). Como observa Slavoj Žyžek, tais relações se amparam no exercício da violência simbólica que, por não apresentar um ato de agressão visível, custa a ser percebida e combatida (2009: 10).

São precisamente estas modalidades veladas de opressão que Eltit e Figueiredo evidenciam. Embora incidentes de violência explícita remetam às mesmas causas, os autores reconhecem que a violência gráfica encontra o olhar já saturado do leitor, regularmente exposto a ela pelos meios de comunicação de massa. Em decorrência

disso, uma retórica da brutalidade encontra-se debilitada como inferência às tragédias individuais ou coletivas. É aqui que estratégias discursivas de fragmentação substituem a imediatez da violência descarnada pelo lento acúmulo, quantitativo e qualitativo, de indícios materiais dos desajustes e mazelas sociais. É o efeito das descrições físicas dos indivíduos em *Passageiro* e também do adoecimento de alguns personagens em *Mano de obra*. Como forma de visibilizar a iniquidade, as duas narrativas inscrevem-na nos corpos que sucumbem às pressões do cotidiano, distanciando-os de um modelo de completude e sanidade que alude a uma existência plena cada vez mais inalcançável.

A representação destes corpos está em correlação com o que Hannah Arendt entende como processos de desintegração social, a qual se manifesta na deterioração dos serviços públicos, na dificuldade de acesso à escolarização, no agravamento do transporte público, entre outros efeitos sentidos principalmente nos grandes centros urbanos (1970: 84). Sugere-se um regime de escassez que, principalmente em *Mano de obra*, é exposto como um argumento inconsistente, o qual visa ocultar uma distribuição de renda profundamente desigual. Eltit o ilustra ao escolher um supermercado como metáfora de tal falácia: os personagens cobiçam as mercadorias nas prateleiras repletas do estabelecimento sem poder adquiri-los, e se regozijam quando, impróprios para a venda, produtos deteriorados ou danificados são distribuídos aos funcionários.

Tal impotência reflete a habilidade humana que, para Arendt, mais tem sofrido com estes processos de deterioração dos recursos sociais: a capacidade de agir. Sua perda remete à descaracterização da própria humanidade do indivíduo, limitado em sua condição de ator social: “what makes man a political being is his faculty of action [...] No other faculty except language, neither reason nor consciousness, distinguishes us so radically from all animal species” (1970: 82). Como cifra literária, a fragmentação dos corpos assinala o radical comprometimento desta habilidade, parafraseando uma cidadania incompleta. Se é isto que os define como seres humanos integrais, ou seja, como sujeitos políticos, ao serem tolhidos de sua capacidade de agir — individual ou coletivamente —, os personagens vêem-se diminuídos em sua própria humanidade. É elucidativo, portanto, que tanto Eltit como Figueiredo extensivamente incorporem referências a animais ou à animalidade como signos desta retração.

IV. O ANIMAL E A ANIMALIDADE COMO MARCADORES LITERÁRIOS DE FRAGMENTAÇÃO

A proeminência do corpo como veículo de expressão, dentro e fora da literatura, reafirma sua crescente importância como interface que confere legibilidade às relações sociais. Seu posicionamento no centro dos debates acadêmicos, no vasto continuum entre as ciências sociológicas e biológicas, tem servido de ponto de partida (e de chegada) para reflexões sobre as dinâmicas sociais, revisitando e fortalecendo a ideia do corpo como uma construção cultural, seja em termos de sexualidade, raça ou classe (Sielke/Wünsche 2003: 11). Como recurso literário, o corpo — extenuado, enfermo,

ferido e animalizado — delata estas relações desde uma perspectiva densamente evocativa e provocativa, a qual capta as tensões da vida pública projetadas nos (e desde os) corpos dos personagens. Em seus contornos, traços, sintomas e sequelas, o corpo revela o que se busca ocultar desde o plano ideológico, sinalizando uma desestabilização do binômio corpo e mente. Esta dualidade é fundamental, por exemplo, em *Mano de obra*, em que Eltit investe na eloquência de um corpo que atesta a violência psicológica do sistema em que os personagens estão inscritos, independentemente do seu esforço mental de auto-negação da realidade.

As referências ao animal, abundantes tanto no texto de Eltit como no de Figueiredo, reforçam esta intenção denunciativa ao sugerir processos de desumanização em um quadro semiótico prontamente reconhecível, consolidado pela extensa presença do animal na cultura humana ocidental desde os primórdios desta (Armstrong 2008: 2). Se, em *Mano de obra*, condizente com sua acerba crítica ao capitalismo, a condição humana é aferida em interações com o animal convertido em mercadoria, *Passageiro* reserva à presença de animais vivos tal função. Em ambos os casos, no entanto, as interações entre figuras humanas e animais drenam o coeficiente humano das primeiras; um conteúdo fluido que escapa pelas fissuras de uma cidadania defectiva. É o que têm indicado intelectuais como Rosi Braidotti, para quem estas representações de infra-humanidade são tanto modos de expressão como de compreensão da atual situação histórica marcada pela preponderância do livre mercado (2013: 5). No texto de Figueiredo, o protagonista Pedro está no centro da cidade quando irrompe uma confrontação entre vendedores ambulantes e policiais. Em meio ao tumulto, ele é ferido com gravidade por um dos cavalos da polícia montada e sofre fraturas múltiplas em um dos tornozelos. Primeiramente, o acidente outra vez rompe paradigmas de inclusão e exclusão, pois, de mero observador do social, Pedro se torna vítima de mecanismos de repressão que atingem, de maneira indiscriminada, indivíduos de diferentes regiões — e classes — da cidade.

Na figura do policial montado superpõem-se camadas de sentido, a começar pela ressalva que constitui a um dos pilares do processo civilizador: a expulsão dos animais do meio urbano, ainda que para serem readmitidos depois como, por exemplo, animais de estimação. Philip Armstrong argumenta que na associação do homem ao cavalo fundem-se o vigor do corpo equino e a superioridade racional do ser humano, ressaltando-se a capacidade deste de controlar e aproveitar a força latente do animal (2008: 7). Em *Passageiro*, tal figura composta legitima o poder constituído: o policial montado está autorizado a (re)ocupar quaisquer espaços urbanos com o corpo anacrônico do cavalo, e a utilizar a força — física e simbólica — do animal para recompor a ordem e reafirmar a soberania do grupo social que esta representa. A justificativa é coibir o comércio ambulante, impedindo a evasão de impostos e o prejuízo ao comércio formal, e a presença intimidadora do animal no tumulto é demonstração patente do poder de um Estado vigilante de seus interesses. Como salienta Chris Philo, a presença do animal na cultura humana, problematizada no contexto urbano, demarca e reafirma geografias de poder e capital (2000: 268). Assim, o incidente reitera a atuação

de um Estado que se coaduna com o poder econômico e que, em benefício deste, estrategicamente preserva suas funções repressoras.

Ao longo da diégesis, reforça-se a importância orgânica do animal, em cujo corpo se amplifica a fragilização do ser humano. Em diversos instantes Pedro recobra a imagem do tórax do cavalo, registrada em sua memória quando estava caído no chão: um recorte da robustez física e imponência simbólica do animal e, por sua vez, um dos tantos pedaços de mundo que ele tenta ordenar. Não só seu tornozelo, mas tudo ao seu redor compõe-se de fragmentos — peças de um mosaico de poder que, desde a perspectiva da queda, ele parece então perceber em sua completude. Depois de ser levado ao hospital e submeter-se a uma cirurgia, o protagonista se recompõe fisicamente e, não menos significativo, restaura o livro de Charles Darwin, também fragmentado no acidente. Se há um empenho de escamotear evidências da opressão para impedir uma tomada de consciência, Pedro tenta recompor o livro destruído como tentativa de reverter a obliteração da própria história de exploração, a qual se apropria da tônica evolutiva da obra do naturalista inglês. Se, como Bourdieu ressalta, o mundo contemporâneo está cada vez mais regido por uma espécie de neo-darwinismo, que se legitima na ideologia do neoliberalismo como triunfo dos mais aptos (1998: 42), no livro de Darwin justapõe-se a evolução das espécies à lógica do progresso da civilização ocidental. A perplexidade de Pedro gravita sobre a narrativa: é este conjunto de fragmentos o que compõe o que chamamos de sociedade evoluída?

Em *Mano de obra*, Eltit vincula a animalidade (e, mais ao final do texto, o animal especificamente) à desestruturação física e psicossocial dos personagens. Com isso, indica-se a rápida descomposição dos nichos de coletividade, cujos laços de solidariedade se desatam pela ação pervasiva de um crescente individualismo. O corpo, indício incontestável e incoercível, é um dos planos discursivos da obra, mas certamente não o único. Como já salientado pela crítica literária, Eltit opta por explorar a fisicalidade desde a própria constituição fragmentária de sua escrita (Lazzara 2013: 322). *Mano de obra* conta com várias seções iniciais fixadas em épocas passadas que vão de 1911 a 1926, e que acrescentam à obra um matiz diacrônico que ilustra o extenso processo de exploração laboral desta sociedade e enfatiza o caráter cumulativo e dramático do presente. Ainda mais incisivo é o também fragmentado tom discursivo, com recursos pontuais como a supressão de sinais de pontuação, o que estende os parágrafos e os embarga de emotividade, afirmando uma necessidade catártica de enunciar a opressão antes que os corpos se desajustem por completo.²

De maneira similar a *Passageiro*, em que os habitantes do bairro periférico do Tirol se definem por seus traços abjetos, os personagens de *Mano de obra* manifes-

² Depreende-se um déficit educativo da personagem-narradora, sugestivo das classes sociais empobrecidas. Neste sentido, embora Figueiredo opte por um narrador culto para extrair e organizar os pensamentos do protagonista, ambas as obras pontuam sobre a dificuldade de concluir etapas de escolaridade, o que agrega um aspecto fragmentário a mais à existência dos personagens: em *Passageiro*, Pedro não consegue terminar sua graduação em direito e, em *Mano de obra*, o personagem Enrique é forçado a abandonar seus estudos.

tam fisicamente a inferiorização social. Eltit o expressa através do animal, a começar pelos gestos (auto)denigrativos dos personagens: “ave de carroña” (2002: 28), “oruga apenas humedecida” (2002: 44), “perra infecciosa” (2002: 51). Entretanto, a animalização não atinge somente os personagens e tampouco serve somente como medida de debilitação. Como Figueiredo, Eltit também incorpora o binômio presa-predador: o supermercado é percebido como um animal subjugador, uma fera que “aúlla su apetito” (2002: 72). Neste sentido, o sociólogo Pablo González Casanova reitera que os modos de exploração atual do sistema capitalista se aprimoraram sem escalas precedentes, paradoxalmente sem desvencilhar-se de métodos primitivos: “nos encontramos hoy en una situación histórica en que tenemos que precisar cómo se realiza la explotación a partir de la premisa de que no hemos abandonado del todo nuestra condición animal” (2009: 163).

Num dos momentos culminantes de *Mano de obra*, a sobreposição da fragmentação humana e do animal expressa o auge da opressão laboral. Não obstante sua dedicação integral ao trabalho, e seu esforço de contribuir para a manutenção da casa compartilhada, a personagem Sonia é severamente criticada nos dois ambientes. Seu esgotamento físico e mental provoca a insatisfação de seus chefes e acarreta a sucessiva remoção da personagem de um setor a outro do supermercado. Sonia começa como caixa, mas é logo retirada do contato direto com os consumidores e enviada ao setor de carnes, considerado infame por todos. Como observa Adrian Franklin, devido às novas sensibilidades associadas à urbanização, a reinserção do animal como bem de consumo dentro da cidade é acompanhada da ocultação dos meios violentos utilizados para o abate e o processamento da carne (1999: 126). De maneira análoga, quando a personagem começa a evidenciar, no próprio corpo, o nível de exploração ao que tem de submeter-se, também a sua “carne” é removida do alcance visual do público para que não se identifiquem vestígios de sua condição.

Pode-se, por um lado, interpretar a não demissão da funcionária como um gesto de clemência do supermercado, mas isto se revela um artifício para que a exploração prossiga. A dispensa de Sonia é uma ameaça que os demais pressentem e que provoca inquietação dentro da casa. Seu debilitamento físico e sua situação cada vez mais deplorável no trabalho são ofuscados pelo risco pragmático, incompassivo, de o grupo perder seu aporte financeiro. Transtornada, Sonia se distrai em um instante fatídico: quando está destroçando frangos sobre a mesa do açougue, acidentalmente decepa um dedo da própria mão. A parte de seu corpo humano se junta aos demais pedaços de carne, formando uma unidade *frankensteiniiana* que Eltit explora em minúcia:

Y, allí, en el centro del mesón, su dedo (insignificante) rodando impune, después de que se hubiera desencadenado un corte profundo, limpio, perfecto, quirúrgico. Y, claro, ella no pudo sino observar, estupefacta e indecisa, su mano atropellada y velada por la sangre (a borbotones, a borbotones): La pobre Sonia condenada al fluir de su sangre (impura/humana/inadmisible) que inundaba, el mesón de la carnicería. Y su dedo, al final de una loca y repugnante carrera, terminaba confundido con los aborrecibles restos de pollo (2002: 154).

Note-se que o corpo humano é inferiorizado em relação à sua contraparte animal, já que esta tem um valor econômico insubstituível, enquanto a porção do dedo de Sonia, como ela, é *insignificante*. Sua perícia é incontestável, seu manuseio da faca é preciso como o de um cirurgião, não fosse o fato de que seu corpo, como aquele do animal processado, são por um momento indistinguíveis. Nestas modalidades de interação entre seres humanos e animais se exibem, como afirma Braidotti, formas perversas de capitalismo avançado em que toda matéria é indistintamente apreendida pelos aparatos de produção (2013: 7). Ambos são consumidos pela maquinaria do capital: um está selado para o proveito imediato; o outro, sentenciado a uma lenta apropriação em que se deve manter sua integridade e obliterar qualquer indício da violência à que é submetido (a inadmissível prova do sangue que verte da personagem).

A escalada desta violência simbólica, que irrompe como auto-mutilação involuntária, é construída paulatinamente. A tragédia de Sonia é prenunciada com as humilhações causadas pelo chefe dos açougueiros, um homem “famoso por su infamia y la permanente burla que esgrimía” (2002: 150). O corpo fragmentado de Sonia é, portanto, um desdobramento de formas invisíveis de pressão e agressão. Forcinito também destaca a centralidade do corpo como recurso narrativo de Eltit: “se trata un trabajador desprovisto de la significación política que tuvo en el pasado reducido al cuerpo” (2010: 86). A redução do indivíduo a um mero corpo condensa — no âmbito da fisicalidade e com uma retórica de visceralidade —, sua capacidade de representar a condição dos personagens e de ressaltar como esta repercute também no seu plano psicológico. Ao negociar espaços e significados com o corpo animal, como no caso de Sonia, a autora subverte a manipulação do reconhecimento da violência subjetiva e a desaloja de uma perspectiva unicamente (ou essencialmente) imaterial.

V. CIDADANIAS PROTÉTICAS

Em contraste com tais episódios de fragmentação, alusivos a múltiplos marcos referenciais em decomposição (individual, coletivo, físico, metafísico), os autores investem pontualmente em eventos de recomposição física nestas duas obras. Contudo, o resultado final dista de refazer a integridade humana e, através das formas aberrantes que se produzem, sugere deficiências de humanidade irreversíveis e privações de cidadania irreparáveis. Não há, em *Passageiro* ou *Mano de obra*, gestos de solidariedade alheia capazes de compensar tais falhas ou carências, e mais bem se encaminha ao reconhecimento de novas formas de humanidade — defeituosa e incompleta. Em seu manifesto ciborgue, Donna Haraway afirma que os seres humanos se converteram em criaturas que expressam na própria carne a vileza do sistema social ao que pertencem. Haraway as chama de quimeras, ciborgues, seres (re)formados no espaço liminar entre o natural e o artificial onde se realizam as experiências tanto da ciência como da política ocidentais, cujas leis obedecem a “tradition of racist, male-dominant capitalism; the tradition of progress; the tradition of the appropriation of nature as resource for the production of culture” (1991: 150).

Em *Mano de obra*, após a tragédia no açougue, Sonia é transferida ao setor de peixes, onde o trabalho é menos exigente que o processamento de aves. Ali, segue sendo útil devido a “un cuchillo nuevo que reemplazaba, con su filoso estallido, el lugar apático de su dedo” (2002: 155). A dimensão psicológica, elaborada com uma escrita impactante, é não menos violenta que a mutilação pela que passara Sonia. Outra vez, a autora recorre a uma metáfora animal para transmitir a desumanização e a impotência do indivíduo. A personagem percebe o reproche dos demais moradores da casa, já que todos dependem dos míseros ganhos de todos: “caminaba hasta a su pieza con una impronta de mansedumbre ovina, aunque finalmente, comprensiva hacia el rencor que nos provocaba” (2002: 155).

A repreensão do grupo reforça o corpo como instrumento de participação social, reforçando a dialética inclusão-exclusão. Nick J. Fox ressalta que o corpo do trabalhador obedece padrões e regimes disciplinares que refletem a importância do trabalho como centro da existência na vida moderna, exercendo profunda influência tanto dentro como fora do ambiente ocupacional (2012: 138). Em *Mano de obra*, o fato de que a estrutura comunal tenha sido mantida (apesar de tudo, Sonia não é despedida), revela a socialização dos corpos, num consenso de coletividade em que o espaço é compartilhado tanto o quanto o próprio corpo. Neste processo de coletivização compulsória, qualquer abnormalidade ou deficiência física significa um desvio do ideal corpóreo do trabalhador, íntegro e saudável, fora do qual não mais se contempla a possibilidade de pertença e existência satisfatórias.

Em *Passageiro*, o evento de reconstituição física é apendicular dentro da narrativa, mas produz efeitos semelhantes aos de *Mano de obra*. Pedro e Rosane lembram-se de algumas crianças do Tirol, várias das quais já trabalhavam para o tráfico de drogas. Chama a atenção de Pedro uma delas, um menino que havia perdido três dedos em um acidente — uma deficiência que havia sido causada e compensada por armas como revólveres e fuzis (Figueiredo 2010: 92). Ambos os processos de reconstrução física permitem aos personagens participar do sistema social: Sonia permanece integrada à cadeia produtiva e, no caso do menino, a criminalidade aparece como modo alternativo de incorporação. A recomposição elaborada por Figueiredo carrega um duplo sentido de contestação: atenta contra a humanidade do indivíduo, como no esquema representacional de Eltit, mas macula a infância como forma de atestar uma sociedade deturpada em suas bases morais.

VI. NEOLIBERALISMO E REGIMES DE CORPORALIDADE

Como observa Nelly Richard, a velocidade das redes de produção e consumo multiplica exponencialmente as instâncias de descarte neste momento atual do capitalismo, e o que apresenta sinais de inutilidade ou de deterioração transforma-se em um “fragmento arruinado de una totalidad deshecha; lo que queda de un conjunto roto de pensamiento o existencia ya sin líneas de organicidad” (1998: 77). Em *Mano de obra*,

pese à sua posterior recomposição física, Sonia ilustra o desarranjo da estrutura coletiva que cada vez menos serve de apoio mútuo na casa. Eltit o demonstra no corpo de Sonia e também nos de outras personagens, exploradas dentro da casa sexualmente ou através de trabalhos domésticos (Núñez-Méndez 2008: 96). Tais circunstâncias exibem esquemas de dominação perversivos vinculados ao gênero, os quais vitimizam as mulheres de um modo ainda mais incisivo e diversificado.

É principalmente sobre estes corpos femininos que recai a piora das condições de vida de todo o grupo. Não somente Sonia, mas os demais trabalhadores, mulheres e homens, passam a sentir-se ameaçados quando o supermercado começa a substituí-los pela mão de obra mais barata e abundante que se faz disponível. A exceção é Enrique, personagem que vai paulatinamente retirando-se do grupo após receber uma promoção laboral. Embora a questão de gênero seja decisiva, a narradora realiza uma leitura racial do corpo, e atribui a ascensão de Enrique ao fato de ele ter a pele mais clara que os demais. Com o aumento da precariedade e da insegurança, os indivíduos começam a alimentar suspeitas mútuas. Em um primeiro momento, a crescente confiança que a empresa deposita em Enrique gera entusiasmo nos demais, porém, ele não hesita em incluir moradores da casa na lista de demissões que, como golpe derradeiro, é incumbido de preparar.

A determinação de Enrique de não conviver mais com os outros trabalhadores salienta-se novamente no fator abjeto: “irritado Enrique, malhumorado, inquieto por nuestras frecuentes hemorragias nasales que ensuciaban las sábanas” (Eltit 2002: 174). Na expressão do asco, o personagem rechaça seguir compartilhando sua distinguível aparência com a repudiável (des)constituição física dos outros moradores. Seu novo posto no supermercado acarreia seu distanciamento corporal dos demais indivíduos, pois Enrique consegue escapar à rede deletéria de fragmentação. Sua prerrogativa é seu corpo — masculino e mais branco —, mas também suas capacidades tecnocráticas e a frieza necessária para proceder ao “extermínio” de seus iguais. O personagem reforça um ideal de masculinidade agressiva e misógina, capaz de enfrentar as ameaças à hegemonia social e econômica masculina (Forth 2008: 207). Por estes atributos, Enrique desponta como o único personagem capaz de contribuir para a manutenção do esquema explorador do supermercado. Mais que vinculado à ordem capitalista, portanto, o corpo de Enrique é o próprio capital, uma moeda de troca concreta (no trabalho) ou simbólica (na casa).

É notória a crítica de Eltit à implantação do neoliberalismo no Chile, um costureiro fio condutor em suas obras. Alardeado como um milagre econômico latinoamericano, o caso chileno é frequentemente contado à sombra da ditadura pinochetista, ressaltando-se seu vigor repressivo e o aprofundamento da divisão social do país causada pela rigorosa implantação da doutrina neoliberal no país andino. Os historiadores Álvaro Góngora e Rafael Sagredo sugerem que se tem enfatizado o notável desenvolvimento chileno como um êxito político em detrimento dos esforços dos trabalhadores comuns, uma posição que os estudos recentes sobre a história do país têm reavaliado de modo a resgatar os sacrifícios impostos aos trabalhadores (2009: 12).

No caso brasileiro, como efeitos diretos de políticas de desobstrução dos fluxos de capital, Helio Jaguaribe informa que o êxodo rural rumo aos grandes centros urbanos, ocorrido principalmente entre 1960 e 1980, ampliou vertiginosamente o percentual urbano da população do país e contribuiu para formar regiões de miséria nas cidades (2000: 77). O sociólogo culpabiliza o processo de globalização econômica nos países subdesenvolvidos, o qual resultou em: “amplo desemprego, em deslocamentos negativos de toda a sorte, em perda de identidade coletiva, e num desamparo geral dos indivíduos” (2000: 81). Pertencente à nova leva de escritores brasileiros, Figueiredo também tem incorporado em suas obras estas relações de exploração material que ocorrem de maneira análoga no Brasil.

Regina Dalcastagnè, analisando tais geografias de exclusão no livro de Figueiredo, afirma que “en la base de esas jerarquías urbanas están las principales asimetrías sociales, vinculadas a clase, sexo, raza, orientación sexual, edad, discapacidad física” (2013: 63). Estes indicadores, enunciados da matriz corporal, são elementos condicionantes do social, e Dalcastagnè considera emblemático o episódio do supermercado, lugar que também cobra significado especial em *Passageiro*. Após serem aprovados em um programa de assistência alimentícia do governo, o pai e a tia de Rosane têm de deslocar-se a pé do Tirol ao bairro da Várzea (o bairro adversário) onde há um estabelecimento que aceita o cartão do benefício. Para o pai idoso e a cunhada, a travessia entre os dois bairros em si já representa um risco, dadas as inimizades entre seus moradores e inclusive a ocorrência de confrontos físicos armados. Porém, não é neste nível que a violência se efetiva na narrativa, mas sim no plano de um assistencialismo ineficaz: algum problema técnico impede o funcionamento do cartão e, na sequência, os personagens têm de retornar cada produto à sua respectiva prateleira. O incidente é similar ao que ocorre no livro de Eltit, com a velhice sendo associada à falta de poder aquisitivo e à conseqüente desvalorização dos indivíduos. Um funcionário observa alguns idosos caminhando pelo estabelecimento e reflexiona: “Qué hacen ellos (aquí) en el súper, pues ciertamente — para qué mencionarlo — son escasas las posibilidades que adquieran alguno de los productos” (Eltit 2002: 37).

O nível de integração social é, portanto, determinado pelos corpos — suas características e capacidades —, o que problematiza a cidadania como valor abstraído do aspecto físico estritamente. Em sua vulnerabilidade, e num distorcido determinismo biológico, os corpos aferem direitos e deveres. A partir de ciclos viciosos como os que Figueiredo explora, em que a abjeção engendra a exclusão e vice-versa, dos corpos deriva a amplitude da condição efetiva de cidadão. Sua localização, suas possibilidades de movimentação e de ocupação dos espaços da cidade, são também coeficientes de cidadania ou de sua privação, num processo de retroalimentação. Em *Mano de obra* e *Passageiro*, o lugar de trabalho e o ambiente doméstico compartimentalizam a experiência urbana: fora estes perímetros em que cada um está “sentenciado” a residir ou frequentar, o que resta da cidade são espaços destinados ao deslocamento, como em *Passageiro*, ou áreas que se tornam proibitivas devido à crescente violência urbana, como se descreve em *Mano de obra*: “Era rigurosamente verídico lo de los robos: Prolifera-

feraban por todo el barrio” (2002: 97). Tais disparidades sociais têm sido interpretadas como um mal necessário das medidas de ajuste e desenvolvimento econômico, as quais têm acentuado a desigualdade social devido às vicissitudes do mercado e à submissão dos capitalismo periféricos, cada vez mais incapazes de exercer controle sobre seus processos econômicos domésticos (Boron 2005: 11).

Como é notório, as aspirações, resultados e traumas destas realidades sociais latino-americanas têm sido extensa e criativamente inventariados pela literatura. O que se destaca nos textos aqui analisados é o uso do corpo como recurso discursivo que materializa as redes de sentimento associados à modernidade urbana. *Passageiro e Mano de obra* incitam um debate moral ao trazer à superfície os mecanismos de opressão invisível e como cobram visibilidade somática nos personagens. Evidencia-se um dilema baudelairiano entre o deslumbramento pelo progresso enunciado pela cidade e seus penosos reveses, o qual se magnifica conforme a diégesis extrai da corporalidade dos protagonistas seus subsídios narrativos.

VII. CONCLUSÃO

Michel de Certeau se opõe a uma ideologia de submissão irrestrita às estruturas de dominação e afirma que, contra as estratégias do poder, as pessoas comuns criam táticas, ou seja, formas de confrontar ou escapar a tais disposições. Tais estratégias abrangem aspectos tão diversos como a educação (nos moldes de um doutrinamento que remete a Bourdieu), a regulação das vias públicas (planificada por mapas e sentidos direcionais que recordam a Lefebvre) ou a regulação de recintos e ambientes públicos (com um fundo panóptico foucaultiano). Em seu modo de internalizar, ou seja, de consumir a cultura engendrada por tais estratégias, os indivíduos criam formas de resistir a seus controles: “the tactics of consumption lend a political dimension to everyday practices” (Certeau 1984: XVII).

Privados do tempo, ânimo ou da coesão necessários para desenvolver suas táticas, os personagens de *Passageiro e Mano de obra* rendem-se a um eficiente processo de exploração. Porém, no decorrer dos dois textos nem tudo é inércia: em *Passageiro*, exibindo ainda alguma capacidade de ação coletiva, a população queima um ônibus como protesto. O incidente projeta, no espaço da cidade, a imagem “flamante” de cidadanias ultrajadas, e o ataque ao ônibus formaliza o repúdio à geografia de segregação social que o veículo em si representa. Em *Mano de obra*, um chamamento à confrontação se esboça no último parágrafo, impulsionado pela indignação diante das demissões com que Enrique havia traído o grupo: “Caminemos. Demos vuelta la página” (2002: 176).

O que há de comum, então, além da forma como Eltit termina, ainda que de modo inconclusivo, a debacle de seus personagens, e o fato de que Pedro, ao fim do texto de Figueiredo, sequer consegue chegar ao seu destino final? Não é, certamente, o surgimento de um plano de ação — subjetivo ou coletivo — que faça ruir as estruturas de dominação. Na evolução material do bairro do Tirol se delinea uma hipótese aplicável:

As pessoas, nas lembranças de Rosane, pareciam menos pobres do que agora. Contra o fundo da sua memória de criança e adolescente, aquela transformação, já consumada e sem volta, se apresentava como um processo rápido demais, fácil demais [...] era preciso engolir e pronto — essa era a ideia que estava no ar — *era o próprio ar* (2010: 53 ênfase minha).

A sujeição a esta realidade de exploração apoia-se na eficaz alienação psicológica à que os personagens estão submetidos nos dois textos. Michael Lazzara, em sua análise do corpus de obras de Eltit, salienta que a autora constrói uma visão do trabalhador chileno assalariado como um “docile body, cowed into submission by an implacable and repressive labor regime that enslaves him at the most basic biological level” (2013: 325). Nesta espécie de lavagem cerebral, o indivíduo custa a reconhecer o esquema em que está inserido pois este se naturaliza como sua constituição física, tão involuntariamente como a própria função respiratória sugerida em *Passageiro*.

A corporalidade dos personagens é o espaço em que colidem referentes palpáveis (a acumulação ou a privação de riqueza material) e abstratos (os desequilíbrios de cidadania, a exploração laboral), níveis em inalienável relação de reciprocidade em ambas as obras analisadas. Para Eltit e Figueiredo, uma das formas de sistematizar esta complexa estrutura é expor seu caráter fragmentador, contradizendo argumentos totalizadores como a apologia do progresso e da redenção nacional via uma adequação às exigências dos mercados globais. Ambos os autores levam a termo uma escritura de efeito especular: se a invisibilização destes artifícios do poder visa impedir a conscientização, individual ou coletiva, das relações de subjugação, o ser oprimido, reduzido à sua condição mais orgânica e elementar, como sugere Lazzara, encontra uma fiel projeção de tais estratégias no seu corpo exausto, deformado, mutilado, abjeto e objetificado. Cada pormenor físico, cada sequela ou cicatriz, é, então, um signo eloquente das tensões que desfibram a humanidade para reconfigurá-la em corpos que agonizam mas ainda protagonizam. Paradoxalmente, seus traços aberrantes e suas partes desmembradas dão unidade e expressividade à representação literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, Hannah (1970): *On Violence*. New York: Harvest.
- Armstrong, Philip (2008): *What Animals Mean in the Fiction of Modernity*. New York: Routledge.
- Barthes, Roland (2012): *Mythologies*. New York: Hill and Wang.
- Boron, Atilio (2005): *Empire and Imperialism: a Critical Reading of Michael Hardt and Antonio Negri*. New York: Zed Books.
- Bourdieu, Pierre (1998): *Acts of Resistance*. Cambridge: Polity.
- Braidotti, Rosi (2013): *The Posthuman*. Cambridge: Polity.
- Certeau, Michel de (1984): *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press.
- Chauí, Marilena (2011): *Between Conformity and Resistance*. New York: Palgrave Macmillan.
- Dalcastagnè, Regina (2013): “El lugar del pobre en la literatura brasileña actual”. En: *Narrativa brasileña actual*. Ed. especial de *Cuadernos Hispanoamericanos*, 752, pp. 59-73.

- Eltit, Diamela (2002): *Mano de obra*. Santiago de Chile: Planeta Chilena.
- Figueiredo, Rubens (2010): *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Forcinito, Ana (2010): "Escritura y globalidad: Marginalidad y ciudadanía en *Mano de obra* de Diamela Eltit". En: *CIEHL: Cuaderno Internacional de Estudios Humanísticos y Literatura*, 13, pp. 83-97.
- Forth, Christopher E. (2008): *Masculinity in the Modern West: Gender, Civilization and the Body*. New York: Palgrave Macmillan.
- Fox, Nick J. (2012). *The Body*. Cambridge: Polity.
- Franco, Jean (2002): *The Decline and Fall of the Lettered City: Latin America in the Cold War*. Cambridge: Harvard University Press.
- Franklin, Adrian (1999): *Animals and Modern Cultures: A Sociology of Human-Animal Relations in Modernity*. London: Thousand Oaks.
- Góngora, Álvaro/Sagredo, Rafael (2009): *Fragmentos para una historia del cuerpo en Chile*. Santiago de Chile: Aguilar.
- González Casanova, Pablo (2009): *De la sociología del poder a la sociología de la explotación*. Bogotá: Clacso.
- Haraway, Donna (1991): *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge.
- Highmore, Ben (2005): *Cityscapes: Cultural Readings in the Material and Symbolic City*. New York: Palgrave Macmillan.
- Hobsbawn, Eric (1990): *Nations and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kristeva, Julia (1980): *Pouvoirs de l'horreur. Essai sur l'abjection*. Paris: Éditions du Seuil.
- Jaguaribe, Helio (2000): *Brasil, homem e mundo*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Lazzara, Michael (2013): "Diamela Eltit (Chile, 1949)". En: Corral, Will H. et al. (eds.): *The Contemporary Spanish-American Novel: Bolaño and After*. New York: Bloomsbury, pp. 320-327.
- Ludmer, Josefina (2010): *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia.
- Marshall, Thomas ([1950] 2009): "Citizenship and Social Class". En: Manza, Jeff/Sauder, Michael (eds.): *Inequality and Society*. New York: Norton, pp. 148-154.
- Núñez-Méndez, Eva (2008): "La Diamela Eltit de *Mano de obra*: Mística de los Trabajadores". En: *Hispanófila*, 152, pp. 87-100.
- Philo, Chris (2000): *Animal Spaces, Beastly Places: New Geographies of Human-Animal Relations*. London: Routledge.
- Richard, Nelly (1998): *Residuos y metáforas*. Santiago de Chile: Cuarto Propio.
- Rivera Garza, Cristina (2013): *Necroescrituras y desapropiación*. Ciudad de México: Tusquets.
- Sielke, Sabine/Schäfer-Wünsche, Elisabeth (eds.) (2007): *The Body as Interface: Dialogues between the Disciplines*. Memmingen: UWH.
- Silva, Daniel F. (2016): *Subjectivity and the Reproduction of Imperial Power: Empire's Individuals*. New York: Routledge.
- Valim de Melo, Cimara (2011): "Imagem, trânsitos e memória em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo". En: *Nau literária*, 8.1, pp. 1-15.
- Volpi Escalante, Jorge (2009): *El insomnio de Bolívar: cuatro consideraciones intempestivas sobre América Latina en el siglo XXI*. Barcelona: Debate.
- Žyžek, Slavoj (2009): *Violence: Six Sideways Reflections*. London: Profile.

Fecha de recepción: 03.05.2016
Versión reelaborada: 22.09.2017
Fecha de aceptación: 15.03.2018

139

| Wesley Costa de Moraes é doutor em espanhol pela Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill e professor e pesquisador na Universidade Estadual de Nova York em Geneseo. Dedicase à ficção latino-americana contemporânea, aproximando suas vertentes em espanhol e português. Seu foco de pesquisa atual é a animalidade como expressão do desencantamento com a modernidade e da necessidade de repensar as bases ontológicas do ser humano. Entre outros artigos, é autor de “El lenguaje como arma: la escritura del guerrero en *Todas as vezes que dissemos adeus* de Kaka Werá Jecupé” (2017), e co-editor de *Margens literárias no Brasil contemporâneo* (2017).